

# A DESSEXUALIZAÇÃO DA IGREJA CRISTÃ: UMA PESQUISA HISTÓRICA, HERMENÊUTICA E SEMÂNTICA DO SEXO

The dessexualization of the Christian Church: a historical, hermeneutic and semantic research of sex

*Me. Carlos Alberto Bezerra<sup>1</sup>*

## RESUMO

A proposta desta pesquisa é mostrar como a dessexualização ocorreu no processo histórico e como ela continua a se manifestar na atualidade. Para o desenvolvimento deste assunto serão abordados os seguintes tópicos: evidências históricas da dessexualização, hermenêutica alegórica do livro Cantares de Salomão e a semântica dessexualizada das versões bíblicas em língua portuguesa.

**Palavras-chaves:** Dessexualização. Cantares de Salomão. Igreja.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to show how dessexualization in the Christian church occurred in the historical process and how it continues to manifest itself today. For the development of this subject will be approached the following topics: historical evidence of dessexualiza-

---

<sup>1</sup> O autor é Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista de Curitiba (FABAPAR). Professor da graduação e pós-graduação em Teologia na Faculdade Batista do Cariri. E-mail: Carlosabla53@hotmail.com

tion, allegorical hermeneutics of Song of Solomon and the desexualized semantics of the biblical versions in Portuguese language.

**Keywords:** Desexualization. Song of Solomon. Church.

## INTRODUÇÃO

Tratar sobre sexo na Igreja Cristã não significa apenas lidar com uma mera questão ética marginal, mas tocar em um ponto nevrálgico da cultura emergente. Uma revolução sexual em âmbito global está em andamento, e isto significa que os contextos eclesiais serão pressionados a romper com a morada que existe em muitos púlpitos por causa do tabu. O sexo e as expressões erotizadas estão sendo propagadas de tal forma pelos meios de comunicação e instituições de ensino em todos os níveis, que é impossível se manter neutro ou alheio à discussão. Um contexto cultural nudista se tornou uma marca identificadora da sociedade contemporânea, principalmente nas terras tupiniquins, e o diálogo em torno da temática se torna cada vez mais necessário.

96

Francis Schaeffer, ainda no século passado, como um profeta emergente na cultura, preanunciou momentos de grande tensão na dialética entre a Igreja Cristã e a cultura moderna. Ele chegou a afirmar que a Igreja de sua época deveria se preparar para discutir questões que seriam levantadas por um futuro próximo, não se restringindo mais às antigas polêmicas, porque a Igreja de Cristo estava caminhando a passos largos para um momento de crise tal, que fatalmente seria pressionada a se posicionar diante das diversas demandas seculares.<sup>2</sup>

Heimbach defende que este tempo de crise previsto, não

---

<sup>2</sup> SCHAEFFER, Francis A. *The church at the end of the twentieth*. Illinois: InterVarsity Press, 1970, p. 81.

apenas por Schaeffer, mas também por homens como: Abraham Kuyper<sup>3</sup>, no século XIX (*com seu discurso a respeito do cristianismo e o crescente apelo do prazer sensual*), e C. S. Lewis<sup>4</sup> (*com suas previsões acerca do cristianismo e panteísmo*) já chegou. Ele afirma que é preciso admitir que nunca antes, em toda a história, houve um momento de tanta turbulência e conflitos concernente especificamente ao sexo.<sup>5</sup> A Igreja vive um período bem peculiar quanto ao conteúdo de seus desafios, pois nunca teve que lidar tão diretamente com esta temática, como uma controvérsia principal, pois o sexo sempre foi uma questão periférica,<sup>6</sup> o que não significa irrelevante.

Este artigo visa mostrar que a Igreja cristã, principalmente a brasileira, não pode mais continuar tratando o sexo com tanta indiferença nos seus púlpitos, como aconteceu historicamente. A proposta desta pesquisa é mostrar como a dessexualização ocorreu no processo histórico e como ela continua a se manifestar na atualidade. Para o desenvolvimento deste assunto serão abordados os seguintes tópicos: evidências históricas da dessexualização, hermenêutica alegórica de Cantares e a semântica dessexualizada das versões bíblicas em língua portuguesa.

## 1. EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DA “DESSEXUALIZAÇÃO” NA IGREJA

A crise sexual vivida hoje pela Igreja pós-moderna é, en-

---

3 KUYPER, Abraham. *Calvinism: Six Lectures Delivered at the theological seminary at Princeton*. New York: Revell, 1899, p. 273.

4 LEWIS, C. S. *Miracles: a preliminary study*. New York: Macmillan, 1947, p. 123-124.

5 HEIMBACH, Daniel. R. True. *Sexual morality: recovering biblical standards for a culture in crisis*. Wheaton: Crossway, 2004, p. 33.

6 A Igreja foi invadida pelo gnosticismo no primeiro século, foi dividida entre Oriente e Ocidente no século VI, foi dividida na Reforma Protestante no século XVI, teve que lidar com a Alta Crítica que desafiou a igreja no século XIX e no início do século XX teve que batalhar quanto a questão da infalibilidade bíblica.

tre outros motivos, resultado de muitos séculos de equívocos e superficialidade no trato do tema. O sexo foi por muito tempo estigmatizado, até mesmo quando o tratado era restrito ao casamento. A visão majoritária da sexualidade dentre os cristãos foi a do relacionamento íntimo com o propósito exclusivo da procriação, posição que prevalece até hoje.<sup>7</sup> O sexo tendo como enfoque o prazer foi dessacralizado e classificado como o fruto do desejo lascivo e carnal pós-queda. Esta visão histórica, que trata o sexo como uma prática negativa e pecaminosa, é facilmente notada em vários Pais da Igreja.

### 1.1 O SEXO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO - SEC. II-IV A.C.<sup>8</sup>

Um fator que contribuiu para o posicionamento extremo da Igreja em relação ao sexo foi a ênfase particular e extremada, dada pelos cristãos dos primeiros séculos da era cristã, aos mártires. O cristianismo estava sob forte ataque, contudo continuava a crescer, justamente por conta do sangue derramado daqueles que se mantinham fiéis às suas crenças. Foi nesse contexto de perseguição civil que, naturalmente, a Igreja passou a considerar um cristão condenado à morte como um herói. Sua coragem, devoção e fidelidade a Cristo encoraja a muitos. E sendo assim, a vida disposta ao martírio dava preferência à solidão. Ter cônjuges e filhos em um cenário de perseguição começou a ser visto como empecilho para uma vida cristã exemplar e devota. Como era de se esperar, esse contexto desencorajou o envolvimento e a relação dos cristãos com o mundo ao seu redor tendo uma influência direta sobre a ideia de casamento.<sup>9</sup>

7 GRENZ, Stanley. *Sexual ethics: an evangelical perspective*. Dallas: Word Pub, 1990, p. 3.

8 Esta seção do artigo, "Cristianismo Primitivo", foi propositalmente mais desenvolvida, isto ocorreu devido o autor entender que se trata da base aceita ou contestada durante todo o progresso histórico acerca do tema.

9 GRENZ, 1990, p. 3.

A elevação da virgindade como um ideal espiritual e o celibato como uma evidência da vida pura foram amplamente ensinados como o estilo de vida elevado e adequado a Igreja. Pode-se notar esta ênfase, por exemplo, em Orígenes, que ensinava a superioridade do prazer interior, em oposição aos prazeres do corpo. Para ele, a castidade era a pureza perfeita. Ele afirmou que Deus daria a quem pedir o bom presente, ou seja, *a pureza perfeita* do celibato e da castidade, àqueles que lhe pedirem com toda a alma, com fé e em incessantes orações.<sup>10</sup>

O quadro era crítico. Os Encratitas, por exemplo, pequenos grupos associados a Taciano, defendiam a abstinência sexual, afirmando que o abster-se do coito era substituir o domínio dos demônios sobre o ser humano pelo alimento exclusivo do Espírito Santo.<sup>11</sup> Os mais extremados deste grupo chegaram a afirmar que a serpente havia ensinado a Eva o que os animais faziam, ou seja, ter relações sexuais, prática que Deus não tinha pretendido para eles, e que, com isto, levou os homens a se assemelhar às feras e participar do mesmo destino destes, de acordo com Salmos 49.13,20 e Eclesiastes 3.19.<sup>12</sup> A denúncia de Jeremias 5.8 destinada à antiga Israel foi aplicada a qualquer tipo de relação sexual conjugal.<sup>13</sup> Afirma-se, até mesmo, que Orígenes foi tão radical em relação à questão sexual que chegou a castrar-se.<sup>14</sup>

10 ORIGEN. Origen's Commentary on the Gospel of Matthew. In A. Menzies (Ed.), J. Patrick (Trans.), The Gospel of Peter, the Diatessaron of Tatian, the Apocalypse of Peter, the Visio Pauli, the Apocalypses of the Virgil and Sedrach, the Testament of Abraham, the Acts of Xanthippe and Polyxena, the Narrative of Zosimus, the Apology of Aristides, the Epistles of Clement (Complete Text), Origen's Commentary on John, Books I-X, and Commentary on Matthew, Books I, II, and X-XIV. Vol. 9. New York: Christian Literature Company, 1897, p. 511-512.

11 BROWN, Peter. Corpo e sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 86,87.

12 BROWN, 1990, p. 87.

13 BROWN, 1990, p. 87.

14 CAVALCANTI, Geraldo Holanda. O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Edusp, 2005, p. 51.

Clemente de Alexandria, embora afirmasse de modo exemplar que o casamento foi instituído por Deus, sustentou também que a relação sexual deveria ser praticada apenas com vistas à procriação.<sup>15</sup> Ele chegou a afirmar que Moisés tinha proibido os israelitas de comer carne de hiena por conta dos hábitos sexuais infames deste animal.<sup>16</sup> Já Tertuliano, defendeu que a abstinência sexual era a técnica mais eficaz para se chegar à lucidez da alma.<sup>17</sup> Taciano chegou ao ponto de reinterpretar a clássica passagem de Gênesis 2.24 sobre a união matrimonial como sendo a decisão voluntária de Adão de “abandonar” seu Pai e Mãe, ou seja, Deus e o Espírito Santo, ficando sujeito à morte e forçado a se “apegar” a uma mulher através da relação sexual física, mediante o casamento com Eva.<sup>18</sup>

Irineu de Lion, seguindo esta mesma perspectiva pessimista quanto ao casamento e a relação sexual, afirmou que a raça humana caiu no cativeiro do pecado e morte por conta de Eva, uma virgem, por isto só poderia haver um resgate da humanidade por meio de uma outra virgem, ou seja, Maria. Ele afirmou que a *desobediência virginal* só pode ser equilibrada por uma atitude completamente oposta, a *obediência virginal*.<sup>19</sup> Note, por um instante, que a doutrina da Perpétua virgindade de Maria ganhou relevância, justamente por ela não se macular com o sexo, assim como aconteceu com a pecadora Eva.

Maria, assim, passa a ser vista como Co-redentora, pois,

15 CLEMENT of Alexandria, *The Stromata, or Miscellanies* in Alexander Roberts and James Donaldson, eds. *The Ante-Nicene Fathers: Translation of the Writings of the Fathers Down to A.D. 325*. Grand Rapids: Eerdmans, 1962. 2:377,78.

16 BROWN, 1990, p. 118.

17 BROWN, 1990, p. 75.

18 BROWN, 1990, p. 86.

19 IRENAEUS of Lyons. *Irenæus against Heresies*. In A. Roberts, J. Donaldson, & A. C. Coxe (Eds.), *The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenæus* Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1885, Vol. 1, p. 547.

assim como Jesus é teologicamente o segundo Adão, a virgem Maria deveria ser vista como a segunda Eva. Para Ambrósio, a virgindade de Maria tem implicações litúrgicas. Ele defendeu que seu útero sem sêmem era a representação de um sagrado espaço, a imagem de uma fronteira sagrada, não ultrapassada pela intromissão do mundo poluidor.<sup>20</sup> Até mesmo Agostinho defendeu que o nascimento virginal de Cristo apontava para um cenário onde Maria havia recuperado a harmonia original de Eva.<sup>21</sup>

Jerônimo não poupou palavras para classificar uma relação sexual. Ele afirmou taxativamente que o sexo era impuro e profano.<sup>22</sup> Ele chegou a dizer que o único benefício do casamento era a concepção de novas virgens. Defendeu, inclusive, que no paraíso, antes da queda, não houve nenhuma relação sexual entre Adão e Eva, pois isto é resultado da vida pós pecado original.<sup>23</sup> Defendendo esta ideia, Jerônimo declara que: “O primeiro casal foi expulso do Paraíso, e o que eles não fizeram lá (*sexo*), fizeram fora do paraíso; de modo que desde os primeiros dias da humanidade a virgindade foi consagrada pelo Paraíso e a união pela terra”.<sup>24</sup> Ele chega a ser tão infeliz em suas colocações nesta área que declara que a brancura eterna do vestuário dos cristãos é a pureza da virgindade.<sup>25</sup>

Brown, tratando sobre a perspectiva de Jerônimo sobre o

---

20 BROWN, 1990, p. 334.

21 BROWN, 1990, p. 334.

22 RYKEN, Leland. Santos no mundo: os puritanos como realmente eram. São Paulo: Fiel, 1992, p. 54.

23 RYKEN, 1992, p. 54.

24 JEROME. *Against Jovinianus*. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), W. H. Fremantle, G. Lewis, & W. G. Martley (Trans.), *St. Jerome: Letters and Select Works* New York: Christian Literature Company, 1893, vol. 6, p. 369.

25 JEROME, 1893, p. 369.

sexo, afirma que todo o seu ensinamento nesta área pode ser resumido em uma única afirmação: “Casamento preenche a terra, mas a virgindade preenche o céu”.<sup>26</sup> Até mesmo quando Jerônimo tentava amenizar suas palavras quanto ao casamento, é possível notar suas fortes convicções. Ele afirma: “Eu não rejeito o casamento, pois é como um segundo olho, dado por Deus por causa da fraqueza daqueles que não podem ver direito. Mas eu estou satisfeito apenas com o olho direito da virgindade”.<sup>27</sup>

Uma pergunta que automaticamente surge diante desta postura tão pejorativa de Jerônimo quanto ao sexo, é acerca da razão para este seu posicionamento. Várias especulações históricas têm surgido para explicar a exagerada posição de Jerônimo contrária à relação sexual. Uma das possíveis explicações foi apresentada por Elles, e, segundo este comentarista, o segredo está no passado deste Pai da Igreja.

102

Este autor afirma que Jerônimo havia sido homossexual praticante antes de sua conversão, prática normal na sociedade grega e romana da época. E que após a sua conversão passou a ser muito ferrenho em suas posições em relação ao sexo, justamente por não conseguir se desvencilhar de um sentimento de culpa e impureza.<sup>28</sup> Talvez não seja possível ter exatidão quanto a esta informação anterior à conversão de Jerônimo, contudo, devido a uma falta de explicações razoáveis para uma tão rígida e evidente postura negativa quanto ao sexo, a posição de Elles é uma possibilidade para explicar a rigidez do homem que, provavelmente, mais influenciou a Igreja a exigir o celibato para o clero.

26 BROWN, 1990, p. 334.

27 JEROME, 1893, p. 368-369.

28 ELLES, J. Harold. *Sex in the bible: new consideration*. London: Praeger Publishers, 2006, p. 34,35.

Dentre os Pais da Igreja, o que mais se destaca quanto a uma visão limitada e repressora do sexo é Agostinho de Hipona. Por incrível que pareça, ele consegue ser ainda mais radical que Jerônimo. No caso do teólogo africano, é mais simples entender os fatores que contribuíram para que ele tivesse uma concepção tão negativa quando ao sexo. Primeiramente, sua visão nesta área foi afetada diretamente por práticas promíscuas anteriores à conversão. Nesta época de sua vida, enquanto descrente, ele trilhou um estilo de vida libertino, e, portanto, quando teólogo, lutou para se afastar o máximo possível das tentações da carne que o cativaram.<sup>29</sup>

O segundo fator que anuviou a visão sexual de Agostinho foi seu envolvimento com o pensamento maniqueísta e a influência recebida do Neoplatonismo. O envolvimento e as decepções deste teólogo com estas linhas de pensamento fizeram com que ele se inclinasse bem mais às questões espirituais do que aos prazeres ligados ao corpo.<sup>30</sup>

É de Agostinho, por exemplo, a seguinte concepção sobre o relacionamento no Éden: Adão e Eva, mesmo sem relação sexual, teriam de alguma outra forma, caso não tivessem pecado, tido filhos, e isto aconteceria a partir do dom do Criador Todo-Poderoso, que foi capaz de criá-los sem os pais, e que foi capaz também de formar a carne de Cristo em um ventre virgem.<sup>31</sup> Note que na teologia de Agostinho, o sexo é resultado direto da queda. Ele também afirma de maneira ainda mais categórica que até a relação sexual dentro do casamento com vistas a satisfazer o desejo dos cônjuges deve ser considerada um pecado

29 GRENZ, 1990, p. 5.

30 CARMICHAEL, Calum M. *Sex and religion in the Bible*. New Haven: Yale University, 2010, p. 158.

31 AUGUSTINE of Hippo. *On the Good of Marriage*. In P. Schaff (Ed.), C. L. Cornish (Trans.), *St. Augustin: On the Holy Trinity, Doctrinal Treatises, Moral Treatises* Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1887, vol. 3, p. 399-400.

venial; a única exceção seria o sexo visando exclusivamente à procriação.<sup>32</sup>

Por último, ainda dentro desta concepção pessimista da sexualidade em Agostinho, precisa-se notar uma elaboração teológica dos efeitos da queda presentes na atividade sexual. É nos escritos deste teólogo que se percebe, mais acuradamente, a relação sexual ser tratada como o meio transmissor não apenas da vida, mas também do pecado original. Esta concepção de Agostinho tem por base principal o Salmo 51.5 que afirma que: “em pecado (*através do sexo*) me concebeu minha mãe”.<sup>33</sup>

Não é possível mensurar com precisão a influência da patrística na concepção de sexo que a Igreja possui na atualidade. Infelizmente, nesta área específica, foi um período de grande limitação teológica. Práticas, como por exemplo, boicote do ventre, ou greve de sexo foram amplamente aceitas e até incentivadas naquele contexto histórico. Até mesmo o batismo, algo tão importante, sofreu a influência da dessexualização, pois os novos convertidos precisam entrar despídos na lagoa batismal, como símbolo do despojar-se das vestes sexualizadas do antigo corpo.<sup>34</sup>

Muito do que se tem e defende ainda hoje no meio cristão foi herdado da tradição deste período, principalmente o estigma negativo a respeito do sexo de que a Igreja atual não consegue se desvencilhar. Mas, para piorar, é possível notar que a herança equivocada quanto ao sexo não se restringiu apenas ao período dos Pais da Igreja; a Idade Média também contribuiu muito para desenvolver a separação entre espiritual e sexual, temática que será desenvolvida a partir de agora.

32 AUGUSTINE of Hippo, 1887, p. 401-402.

33 MACKIN, Theodore. *The Marital Sacrament*. New York: Paulist, 1989, p. 197, 227.

34 BROWN, 1990, p. 89.

## 1.2 O SEXO NA IGREJA DA IDADE MÉDIA - SEC. IV-XV A.C.

Devido à impossibilidade de resumir onze séculos em algumas linhas, será tomada a Idade Média apenas de modo geral, um quadro panorâmico, mas na expectativa de que a abordagem seja suficiente para os propósitos deste artigo, que visa basicamente a notar como a Igreja cristã foi tímida em desenvolver uma teologia do sexo bíblica, ou seja, menos preconceituosa.

Na Idade Média, a questão quanto ao sexo não foi muito diferente dos primeiros séculos da era cristã. Com o esfacelamento do Império Romano, a igreja passou a ganhar ainda mais destaque no cenário público e praticamente se tornou o centro dos valores da sociedade. Com esta nova posição de destaque, inicia-se um ataque direto às práticas imorais presentes naquela cultura.

A ênfase desse período encontra-se na separação do indivíduo com o meio. É neste momento histórico que se observam, por exemplo, os centros religiosos sendo deslocados para o isolamento do deserto. A ideia de castidade ganhou ainda mais proporção por conta dos santos celibatários que defendiam a perspectiva monástica da união com Deus em detrimento das demais ligações e relações terrenas. A castidade passou a ser uma meta de espiritualidade, pois passou a ser motivo de admiração os santos que abandonavam seus casamentos em busca de uma vida de santidade. Afastar-se do pecado, principalmente sexual, tornaria o homem cada vez mais próximo de Deus.<sup>35</sup>

Como resultado da proliferação da prática monástica, as relações sexuais acabaram sendo classificadas como atos poten-

<sup>35</sup> LEAL, Raphael Barros; CABRAL, Flavio José Gomes. Religião e sexo: do controle na Idade Média e sua herança na contemporaneidade. IV Colóquio de História: Abordagens interdisciplinares sobre História da sexualidade de 16-19 de novembro de 2010, p. 575.

cialmente pecaminosos e viciantes.<sup>36</sup> Joviniano, por exemplo, por ir de encontro à visão de santidade predominante, foi excomulgado da Igreja, isto porque ousou sugerir que o casamento não seria uma posição pior ou inferior, na visão de Deus, do que a tão venerada e perseguida virgindade dos santos.<sup>37</sup>

Ainda é preciso destacar que a Idade Média foi marcada pelo estabelecimento de muitas normas reguladoras do sexo, como foi o caso da proibição explícita da relação sexual entre pessoas do mesmo sexo.<sup>38</sup> É importante perceber que a união heterossexual neste período foi ratificada, em consonância com a perspectiva patrística de que o sexo tinha um único propósito, a procriação.<sup>39</sup> A partir desta mesma tradição, o sexo oral e anal foi classificado como um ato abominável e passível de penitências ou até mesmo de excomunhão.<sup>40</sup>

O descaso com o sexo neste período pode ser facilmente percebido ao atentar para os longos períodos de abstinência instituídos pela Igreja. Era ensinado que a quinta-feira deveria ser guardada em memória da prisão de Cristo, a sexta-feira em memória de sua morte, o sábado em honra à Virgem Maria, o domingo em honra à ressurreição de Cristo e a segunda em comemoração à sua partida.<sup>41</sup> A Igreja multiplicou tanto os dias de abstinência que em mais da metade de um ano era proibido o relacionamento sexual.<sup>42</sup> O detalhe é que as pessoas que ousas-

36 SMALL, Dwight Hervey. *Christian: celebrate your sexualit*. Old Tappan: Revell, 1974, p. 79.

37 RYKEN, 1992, p. 55.

38 LEAL; CABRAL, 2010, p. 575.

39 HAUCOURT, Geneviève d'. *A vida na idade média*. Lisboa: Livros do Brasil, 1944, p. 153.

40 LEAL; CABRAL, 2010, p. 575.

41 BALEY, Derrick S. *Sexual relation in christian thought*. Nova York: Harper & Brothers, 1959, p. 133.

42 RYKEN, 1992, p. 55.

sem quebrar estas regras passariam 40 dias em jejum alimentar e/ou sexual, além das penitências.<sup>43</sup>

Se não fosse o bastante, os clérigos medievais costumavam convocar os fiéis a praticar o que passou a ser conhecido como a Vigília da vida alheia. O que isto significa? Que, além do policiamento obrigatório com a sua própria vida sexual, era preciso contribuir com a vida de abstinência de vizinhos e familiares. Perceba como a situação dos casais que desejavam usufruir do sexo matrimonial era constrangedora. Infelizmente, por conta deste tipo de vigilância social, o ato sexual sofreu grandes limitações, passando praticamente a ser algo extremamente mecânico ou biológico e que deveria ser uma prática escondida e secreta, o que fez com que muitos casais, por passarem a ter um peso na consciência por estarem fazendo algo proibido e contrário à Igreja, não usufruíssem ou tivessem prazer praticamente nenhum na relação sexual.<sup>44</sup> Um exemplo da interferência da Igreja no ato sexual, limitando o deleite e a liberdade do casal, está no fato de que a igreja tinha regras até mesmo para normatizar a posição sexual que seria permitida. Era ensinado, por exemplo, que a mulher sempre deveria ficar debaixo do homem, para evitar a visão da nudez.<sup>45</sup>

Talvez a posição que melhor resuma a perspectiva da Igreja quando ao sexo na Idade Média seja a do teólogo católico Tomás de Aquino que, ao fazer objeção ao ato sexual, por afirmar significar uma sujeição da razão às paixões,<sup>46</sup> também defendeu, juntamente com Erasmo, que a cópula carnal não era necessária ao casamento, uma vez que o casamento é mais perfeito quando os dois adotam a continência como voto.<sup>47</sup>

43 LEAL; CABRAL, 2010, p. 577-578.

44 LEAL; CABRAL, 2010, p. 573.

45 LEAL; CABRAL, 2010, p. 578.

46 RYKEN, 1992, p. 55.

47 AQUINO, Tomás de. Summa Teológica, pergunta 58, artigo 1, objeção 1. Consultada em <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso

É possível, diante deste pequeno resumo, perceber que a Igreja do período medieval não fez grandes avanços em relação à área sexual. A teologia voltava-se para a virgindade e abstinência. Concluindo, é preciso ainda destacar que apesar de tanta normatividade e regulamentação quanto ao ato sexual, este foi um período extremamente promíscuo e imoral, inclusive e, por que não dizer, especialmente, entre os clérigos. Deixemos a período medieval e avancemos para algumas contribuições nesta área advindas da Reforma.

### 1.3 O SEXO NA REFORMA PROTESTANTE - SEC. XVI A.C.

Somente após quatorze séculos de uma visão deficitária sobre o sexo, a Igreja cristã começou a reagir e combater alguns aspectos da teologia da abstinência. A Reforma Protestante trouxe um novo olhar para a intimidade sexual, principalmente a partir das pregações, correspondências de Lutero e de sua decisão de se casar com a freira Katharina Von Bora. O reformador, contrariando toda a tradição Católica Apostólica Romana, passou a defender que Adão e Eva, no estado de inocência, ou seja, pré-queda, podiam procriar através da relação sexual, livres da possibilidade de qualquer pecado.<sup>48</sup>

Lutero, em seu posicionamento quanto ao sexo, também contribuiu ao evidenciar uma grande aversão à venerada doutrina da castidade. Em seu linguajar irônico e afrontador característico, ele chegou a afirmar que os conventos e mosteiros de sua época eram piores que prostíbulos, tavernas ou covis de ladrões.<sup>49</sup> Ele declarou que a defesa monástica do celibato não passava de uma regra criada por homens e ditada pelo diabo.<sup>50</sup>

---

05/01/2019 às 16:50h

48 LUTHER, Martin, *Luther's Works*, American Edition, orgs. Jaroslav Pelikan e Helmut T. Lehmann. Filadélfia: Muhlenberg, 1955-1973, vol. 5, p. 117,118.

49 PIPER John; TAYLOR, Justin. *Sex and the supremacy of Christ*. Crossway Books, 2005, p. 215.

50 PIPER; TAYLOR, 2005, p. 215.

Apesar da perspectiva dos reformadores, olhando especificamente para Lutero, ser bem mais positiva quanto ao sexo do que a dos séculos anteriores, principalmente por conta da negação da doutrina da justificação por obras, dogma que abastecia o rigor ascético da Idade Média, ainda assim é preciso reconhecer que predominou neste momento histórico uma visão limitada e tímida quanto ao sexo. Por exemplo, apesar de Lutero rejeitar a interpretação alegórica de Orígenes, infelizmente ainda chegou a defender que a Noiva mencionada do livro de Cantares seria o feliz e pacífico estado sob a regência de Salomão e que o Cântico apenas um hino de gratidão a Deus.<sup>51</sup> Garret afirma que o Cântico foi alegorizado do início ao fim por Lutero.<sup>52</sup>

Os reformadores, de modo geral, ratificaram em consonância com a tradição que o propósito do sexo era a procriação, mas – e este ponto é muito relevante – acrescentaram dois conceitos valiosos nesta temática. A primeira contribuição diz respeito a um novo conceito de relação matrimonial; o casamento passou a ser entendido como vocação. Esta visão tem grandes implicações, principalmente quando se leva em conta a cultura predominante celibatária. Já a segunda ênfase da Reforma recaiu na propagação da ideia de que o sexo no casamento tinha também o propósito de evitar e defender as pessoas da fornicção.<sup>53</sup> Era um artifício criado por Deus para proporcionar santificação. Certamente, este conceito era revolucionário e contribuiu bastante para o desenvolvimento de uma visão sexual equilibrada na Igreja.

51 POPE, Marvin H. *Song of Songs: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 1977, p. 126.

52 GARRET, Duane. *Song of Songs*. Word Biblical Commentary, Vol. 23b. Nashville: Thomas Nelson, 2004, p. 72.

53 LUTHER, Martin. *What Luther says: an anthology*, ed. Ewald M. Plass, 3 vols. in 1. St. Louis: Concordia, 1959, p. 2768.

Além de Lutero, o outro grande ícone da Reforma foi João Calvino e ele contribuiu ao se posicionar fortemente contra a concepção de que o matrimônio seria um sacramento. Ele afirmou que esta instituição deveria ser vista, na verdade, como uma excelente e santa ordenança de Deus, pois, assim como são boas e santas as ordenanças de Deus, como os ofícios de lavrador, pedreiro, sapateiro e barbeiro, assim era o casamento.<sup>54</sup> Nas palavras deste reformador, é possível perceber claramente o casamento sendo comparado a um ofício.

Portanto, é facilmente perceptível que o serviço, e não a realização e o prazer pessoal, formaram a base do casamento na concepção destes dois principais reformadores. No século XVI, o casamento e a criação de uma família foram vistos como uma forma importante através do qual Deus queria que os cristãos servissem à presente ordem.<sup>55</sup> O que se destaca neste período é que o casamento como modo de se proteger da imoralidade ganhou mais destaque do que o propósito clássico da procriação.<sup>56</sup> Contudo, a relação entre sexo e teologia, até este momento, não alcançou um desenvolvimento adequado, por isto é preciso ainda mencionar a contribuição dos puritanos a esta temática.

54 CALVINO, João. *As Institutas da religião cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, vol. 4, p. 85.

55 PELIKAN, Jaroslav (edit.) *Luther's Works: Vol. 2, Lectures on Genesis Chaps. 6-14*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1960, p. 356,357.

56 PIPER; TAYLOR, 2005, p. 248,249.

## 1.4 O SEXO NO PURITANISMO - SEC. XVII A.C

Somente a partir do século XVII, pode-se considerar que a teologia do sexo passa a receber um tratamento mais adequado e digno da profundidade merecida. Herbert W. Richardson afirma que “o crescimento do casamento romântico e sua validação pelos puritanos representa uma grande inovação dentro da tradição Cristã”.<sup>57</sup> Enquanto o período medieval enfatizou o texto bíblico de Gênesis 1.28 (sede fecundos e multiplicai-vos) e os luteranos deram ênfase a 1 Coríntios 7.9 (é melhor casar do que viver abrasado), os puritanos se apoiaram bastante em Gênesis 2.18 (Não é bom que o homem esteja só).<sup>58</sup>

Neste período o companheirismo e a amizade passaram a ganhar destaque na concepção de casamento. Encontra-se, por exemplo, em Richard Baxter a seguinte afirmação: “É uma misericórdia ter um amigo(a) fiel que lhe ama inteiramente e que está sempre pronto a fortalecê-lo... Um companheiro(a) diário, participante das suas alegrias e tristezas... Um amigo(a) para auxiliar a alma; para se juntar com você em oração e outros santos exercícios...”<sup>59</sup>

Os puritanos, finalmente, começaram a perceber o sexo dentro do casamento como um dom maravilhoso de Deus e como uma parte essencial e agradável do casamento. Neste ponto é interessante perceber, por exemplo, as palavras de Gouge sobre a relação sexual. Ele afirmou que maridos e esposas deveriam coabitar “com boa vontade e com alegria, de bom grado,

57 RICHARDSON, Herbert W. *Nun, Witch, Playmate: the americanization of sex*. New York: Harper & Row, 1971, p. 69.

58 PIPER; TAYLOR, 2005, p. 259.

59 BLACK, J. W.; TRAFTON, J. Richard & Margaret. *Richard Baxter & the English Puritans*. *Christian History Magazine*, Issue 89, 2006.

pronta e alegremente”.<sup>60</sup> C. S. Lewis afirmou, mencionando as contribuições dos puritanos para o desenvolvimento do conceito de sexo para a Igreja, que “a conversão do amor cortês para o amor monogâmico romântico foi em grande parte o trabalho de poetas puritanos”.<sup>61</sup>

É inegável um avanço importante e rico dentro deste período para um entendimento mais profundo acerca do sexo, contudo, embora haja uma abordagem bem mais ousada e fidedigna à Bíblia, o que pode até ser tido, como uma verdadeira revolução na sexualidade cristã, ainda é possível perceber a presença do recato e da discrição em tratar do sexo. Os sermões de Richard Sibbes e Jonathan Edwards, por exemplo, possuem um discurso afetivo a respeito do coração, da beleza e do amor, mas sempre sem mencionar explicitamente seus aspectos sexuais, ou, quando mencionavam, faziam brevemente.<sup>62</sup>

Outra evidência do tratamento tímido e até mesmo ainda equivocado dos puritanos quanto ao sexo, está presente no vasto registro de sermões feitos no livro de Cânticos dos Cânticos, em que praticamente todos os puritanos interpretavam o conteúdo deste livro bíblico e a sua linguagem sexual de modo alegórico, como apenas expressões figurativas para se referir a Cristo e à Igreja.<sup>63</sup> A dificuldade histórica de interpretar Cantares como se tratando de um relacionamento amoroso, explícito e erótico entre um homem e uma mulher é lamentável.

60 RYKEN, Leland. *Worldly saints: the puritans as they really were*. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 44.

61 LEWIS, C. S. “Donne and Love Poetry in the Seventeenth Century,” in *Seventeenth Century Studies Presented to Sir Herbert Grierson*. Oxford: Oxford University Press, 1938, p. 75.

62 PIPER; TAYLOR, 2005, p. 251.

63 PIPER; TAYLOR, 2005, p. 251.

Com base neste sucinto panorama histórico, percebe-se que, por pelo menos dezessete séculos, o tema sexo dentro da Igreja recebeu um tratamento inadequado ou, no mínimo, em desenvolvimento. O prazer a partir do ato sexual foi praticamente negligenciado da teologia, com exceção de algumas incursões puritanas. E certamente, mesmo com esta tentativa de reformular a visão da sexualidade, muito descaso e equívocos se perpetuaram, trazendo grande despreparo e dano para a Igreja hodierna.

É preciso, para um aprofundamento desta discussão, olhar de modo mais específico como o livro de Cantares, que pode ser tido como uma espécie de termômetro nesta área, por conta de sua linguagem e conteúdo sexual, foi interpretado alegoricamente pela Igreja cristã como uma tentativa de fugir ou encobrir um assunto que poderia trazer constrangimento e complicações à fé.

## 2. A HERMENÊUTICA ALÉGORICA DA “DESSEXUALIZAÇÃO”

Uma questão importante que evidencia a dificuldade de tratar acerca do sexo na Igreja da atualidade, de maneira direta e objetiva, está na linguagem erótica dos textos originais que, normalmente, foi obscurecida pelas enxurradas de alegorias inventadas pela Igreja. Este artifício interpretativo serviu por muito tempo ao propósito da dessexualização, ao encobrir o significado sensual dos textos bíblicos. E, certamente, o livro que mais sofreu e ainda padece este tipo de abuso hermenêutico é Cantares de Salomão.<sup>64</sup> A resistência levantada por conta do conteúdo sexual do livro foi tão forte dentro da Igreja que gerou

<sup>64</sup> ODEBERG, Hugo. *The Fourth Gospel Interpreted in Its Relation to Contemporaneous Religious Currents in Palestine and the Hellenistic- Oriental World*. Uppsala, 1929, p. 48.

um grande embate e dificuldades para que o livro fosse reconhecido e incluído no Cânon.<sup>65</sup>

A tentativa mais comum de resolver o problema da linguagem sensual do livro, para que este possuísse utilidade para a Igreja e sua liturgia, foi resignificar vários termos e a mensagem central da obra. Por muito tempo, foi natural na tradição interpretativa tratar as descrições encontradas neste livro bíblico, quando, por exemplo, os corpos e partes íntimas do casal eram mencionadas, como tendo um significado enigmático e de cunho espiritual. Ou seja, o texto praticamente perdeu sua literalidade. Com a interpretação de Cantares 1.5, é possível ter uma ideia da hermenêutica alegórica usada pela igreja. O texto menciona explicitamente a cor morena da mulher desejada, mas a passagem foi abordada como se o autor estivesse, na realidade, descrevendo uma representação da cor do pecado, tom que seria alvejado pelo sangue de Cristo Jesus.

114

Jerônimo defendeu esta ideia. Ele afirmou que aquele que comete pecado é do diabo e que, por tal ascendência, somos naturalmente negros. Para ele, Cantares está tratando desta realidade espiritual do pecador. Ele afirma que Cantares 1.5, “Sou negra, mas formosa, ó filhas de Jerusalém”, significa, na verdade, que o Noivo conduzirá o pecador redimido ao seu aposento com a sua mão real. E ele mudará milagrosamente o teu rosto, para que se diga de ti: Quem é esta que sobe e que se tornou branca?<sup>66</sup>

Ambrósio, de maneira ainda mais alegórica, afirma sobre o texto de Cantares: É no que concerne à aparição da santa Igreja, que diz o Cântico dos Cânticos: “Sou negra e formosa, ó filhas de Jerusalém”; ou seja, escuros por condição natural, atraentes

65 Encyclopaedia Judaica. Jerusalem, 1972, vol. 15, p. 146,147.

66 JEROME. The Letters of St. Jerome. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), W. H. Fremantle, G. Lewis, & W. G. Martley (Trans.), St. Jerome: Letters and Select Works New York: Christian Literature Company, 1893, vol. 6, p. 22,23.

através da redenção.<sup>67</sup> Agostinho evidencia sua criatividade, ao afirmar que Cantares 1.5 refere-se à situação temporária da igreja mista. Ele afirma que chegará o tempo onde eles não estarão no mesmo corpo; porque um deles é o servo perverso de quem nos é contado no evangelho, cujo senhor, quando ele vier, “o cortará e designará sua porção com os hipócritas”.<sup>68</sup>

As exegeses que fogem do sentido literal por conta do conteúdo sexual do livro são inúmeras, principalmente quando as passagens mencionam as partes íntimas dos amantes. Quantos aos seios mencionados no livro, Ambrósio afirma que se trata de uma referência à beleza da Igreja. Ele afirma: Deus diz à igreja: “Tu és toda justa, meu amor, e não há defeito em ti”, porque a tua culpa foi lavada. Quão bela e doce és tu, a tua estatura é como a de uma palmeira e os teus seios como cachos de uvas.<sup>69</sup> Ele ainda declara que os convites de Cantares são semelhantes aos que aparecem nos evangelhos, ambos são direcionados à Igreja e transmitem basicamente o seguinte recado: “Vinde a Mim todos os que estais cansados e Eu vos refrescarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração”.<sup>70</sup>

Agostinho trata todos os textos onde há descrições eró-

67 AMBROSE of Milan. *Three Books of St. Ambrose on the Holy Spirit*. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), H. de Romestin, E. de Romestin, & H. T. F. Duckworth (Trans.), *St. Ambrose: Select Works and Letters* New York: Christian Literature Company, 1896, vol. 10, p. 129.

68 AUGUSTINE of Hippo. *On Christian Doctrine*. In P. Schaff (Ed.), J. F. Shaw (Trans.), *St. Augustin's City of God and Christian Doctrine* Buffalo, NY: Christian Literature Company. 1887, vol. 2, p. 569.

69 AMBROSE of Milan. *On the Mysteries*. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), H. de Romestin, E. de Romestin, & H. T. F. Duckworth (Trans.), *St. Ambrose: Select Works and Letters* New York: Christian Literature Company, 1896, vol. 10, p. 322.

70 AMBROSE of Milan. *The Two Books on the Decease of His Brother Satyrus*. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), H. de Romestin, E. de Romestin, & H. T. F. Duckworth (Trans.), *St. Ambrose: Select Works and Letters* New York: Christian Literature Company, 1896, vol. 10, p. 194.

ticas óbvias como o prazer espiritual das mentes sagradas. Ou seja, trata-se do casamento daquele Rei e Rainha-cidade, isto é, Cristo e a Igreja. Mas, esse prazer mencionado em Cantares, está embrulhado nos velos alegóricos, para que o esposo possa ser mais ardentemente desejado e desvendado.<sup>71</sup> Young afirma que foi comum na história da Igreja interpretar expressões como “entre os meus seios”, que aparece, por exemplo, em Cantares 1.13, como referindo-se às Escrituras do AT e NT, entre os quais Cristo se encontra.<sup>72</sup> É no mínimo curioso como interpretações tão mirabolantes foram aceitas pela Igreja em nome de esconder a sensualidade do livro.

Outro exemplo curioso das alegorias cristãs em Cantares, encontra-se na comparação comum da Idade Média pela qual a noiva passou a ser tratada como Maria. Em Cantares 1.2, por exemplo, onde aparece claramente o desejo sexual do casal, evidenciado pela expressão “beija-me”, foi entendido como o relacionamento de Maria com seu filho recém-nascido. Esta cena, de modo nenhum, estaria retratando um desejo de carícias entre um homem e uma mulher, mas, na realidade, seria apenas o convite materno feito por Maria ao menino Jesus para que mamasse em seus seios. Em outras palavras, o Cântico dos Cânticos de Salomão começaria com o nascimento de Cristo e sua primeira amamentação.<sup>73</sup>

O que dizer das figuras do “jardim”, que no livro é uma representação óbvia do sexo exclusivo e prazeroso existente em um casamento? Jerônimo, concernente a esta simbologia, afir-

71 AUGUSTINE of Hippo. *The City of God*. In P. Schaff (Ed.), M. Dods (Trans.), *St. Augustin's City of God and Christian Doctrine* Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1887, vol. 2, p. 357,358.

72 EDWARD J. Young. *An introduction to the Old Testament*. Eerdmans Publishing, 1964, p. 348-350.

73 GARRET, 2004, p. 70.

mou que o jardim fechado mencionado em Cantares, tratava-se de solitude, ou seja, do momento privacidade em sua câmara para a prática da oração. Ele chegou a afirmar que é no “jardim fechado” que você ora, que realmente você fala com o Noivo e que Ele fala com você.<sup>74</sup>

O caso de Cantares capítulo 5, que trata acerca do desentendimento dos noivos, também é interpretado por Jerônimo como um momento íntimo de oração. Ele afirma: Quando o sono o apanhar, ele virá, passará a mão pelo buraco da porta e seu coração se moverá para Ele. Você despertará, se levantará e dirá: “Eu estou cansado de amor”. Então, ele responderá: “Um jardim fechado és tu minha irmã, minha esposa. Uma fonte fechada, uma fonte selada”.<sup>75</sup>

Cirilo, de modo ainda mais criativo, afirma que quando Cantares menciona: “Eu vim ao Meu jardim, minha irmã, minha esposa”, isto aponta para o lugar onde Jesus seria crucificado, justamente um jardim. Ele continua sua harmonia entre a história da crucificação e a poesia do Antigo Testamento mostrado que quando Cantares cita “Eu ajuntei minha mirra”, que este texto descreve o momento quando Jesus após ter bebido vinho misturado com mirra e vinagre, disse: Está consumado. Ou seja, Cirilo afirma: “O mistério foi cumprido. As coisas que estavam escritas foram cumpridas. Os pecados foram perdoados”.<sup>76</sup> Ele ainda defende que a mirra com as especiarias no Noivo em Cantares são os símbolos do sepultamento de Cristo, e sendo assim, não é por acaso encontrar no Evangelho: “As mulheres vieram ao sepulcro trazendo as especiarias que haviam preparado. Nicodemos também trouxe uma mistura de mirra e aloés”.<sup>77</sup>

74 JEROME, 1893, vol. 6, p. 32,33.

75 JEROME, 1893, vol. 6, p. 32,33.

76 CYRIL of Jerusalem. The Catechetical Lectures of S. Cyril, Archbishop of Jerusalem. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), R. W. Church & E. H. Gifford (Trans.), S. Cyril of Jerusalem, S. Gregory Nazianzen New York: Christian Literature Company, 1894, vol. 7, p. 91.

77 CYRIL of Jerusalem, 1894, vol. 7, p. 96,97.

Após considerar tantos exercícios exegéticos extravagantes e compreender a força da tradição sobre a interpretação, fica mais fácil entender por que o significado real do livro foi e continua sendo uma incógnita para muitos cristãos. A tentativa de ler esta obra do Antigo Testamento buscando uma camada mais profunda por trás do significado superficial, uma espécie de Sensus Plenior, é evidência clara de que a Igreja foi privada de contemplar e ser instruída acerca da apreciação benéfica e prazerosa das partes íntimas de um cônjuge e do pleno deleite que pode ser obtido mediante o sexo.

É sempre importante salientar que qualquer tentativa de leitura alegórica é perigosa e deveria deixar a Igreja muito atenta e desconfiada, porque as possibilidades de interpretação seguindo esta linha são ilimitadas e acabam por esconder a verdade mais óbvia do texto. Diante do uso de tal recurso hermenêutico, o intérprete está bem mais propenso e perto de revelar suas próprias ideias e pressupostos do que de discernir o real propósito do autor.<sup>78</sup>

Os judeus, seguindo esta interpretação espiritualizada, chegaram ao extremo de afirmar que o livro de Cântico dos Cânticos seria o ‘Santo dos santos’ das Escrituras e, por isto, não era permitido que o livro fosse lido pelos mais jovens, pessoas consideradas imaturas”.<sup>79</sup> Este tipo danoso de postura, confinou o assunto a uma parcela do povo de Deus e privou gerações de uma instrução correta sobre o sexo.

Para que haja uma noção do repúdio da interpretação naturalista ou realista de Cantares por parte da Igreja, é relevante lembrar que, por causa do lastro desta falha compreensão, mui-

78 LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 562-564.

79 WIERSBE, Warren W. Poéticos: comentário bíblico expositivo. São Paulo: Geográfica, 2006.

tos intérpretes realistas foram censurados, banidos e até mesmo condenados ao silêncio. No segundo século, por exemplo, mestres fariseus amaldiçoavam aqueles que cantassem esses poemas em festas nupciais. Teodoro de Mopsuéstia, um cristão do IV século, foi condenado no II Concílio de Constantinopla (553) por defender uma interpretação objetiva. E até mesmo na Reforma, em 1547, Calvino exonerou da Cátedra de teologia um de seus amigos, Sebastião Castellion, por haver publicado uma exegese do livro de Cantares na perspectiva realista e literal.<sup>80</sup>

Diante desta triste realidade de interpretações alegóricas, é preciso buscar uma interpretação equilibrada e objetiva de Cantares.<sup>81</sup> É urgente perceber que, apesar da linguagem erótica encontrada no livro, o Cântico, de forma alguma, é vulgar ou grosseiro. Sua sexualidade é clara, mas não explícita. Não há como fugir da exposição, mas ela é sempre dignificada. É um material que contribui para o amor aberto e pleno.<sup>82</sup> O tema principal de Cantares é a excitação, o prazer do sexo e do amor dentro do casamento. Todos estes aspectos são construídos para serem percebidos como dádivas de Deus.<sup>83</sup> Pode-se afirmar que Salomão redime uma história de amor deturpado. O livro des-

80 JARDILINO, José Rubens L.; LOPES, Leandro de Proença. Revista Nures n° 13 - Setembro/Dezembro 2009 - <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade - Pontifícia Universidade Católica - SP ISSN 1981-156X

81 O passo mais ousado na interpretação dos personagens como símbolos, uma espécie de meio termo, sem recair no erro da dessexualização, mas também sem abandonar as figuras implícitas, provavelmente, encontra-se na proposta de Kathleen O'connor que afirma que a mulher de Cantares pode ter uma coloração poética, ou seja, tratar-se de uma dupla camada, o que seria natural e condizente com as tradições da sabedoria da época. E sendo assim, não só a arena sexual seria abençoada e contemplada como boa em si mesma, mas a canção também poderia ter um sentido extra, por usar uma metáfora para a relação da Sabedoria (mulher) com os seres humanos. Ou seja, viver com Sabedoria, persegui-la e ser perseguido por ela, é entrar em um caso de amor em um jardim paradisíaco onde verdadeiros seres humanos e desejos serão realizados. O'CONNOR, Kathleen. *The Wisdom Literature*. Wilmington, Del.: M. Glazier, 1988, p. 81.

82 PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006.

83 WIERSBE, 2006.

creve a restauração do amor humano às suas felicidades edênicas. Certamente, a Igreja cristã muito se beneficiaria ao olhar para este livro com mais objetividade e cuidado.

Por último, é preciso investir algum tempo mostrando como as traduções da Bíblia para a língua portuguesa acabaram, proposital e intencionalmente ou não, por contribuir para uma visão parcial do sexo na Igreja. Várias passagens tiveram sua linguagem direta amenizada. Textos explícitos foram abrandados e, infelizmente, como será mostrado a seguir, a própria palavra “sexo” na Bíblia só aparece com conotações pejorativas, levando o leitor, sutilmente, a pensar em sexo apenas como algo vinculado ao pecado.

### 3. AS VERSÕES E A DESSEXUALIZAÇÃO

120

A missão de um tradutor da Bíblia não é simples, pois em muitos momentos precisará fazer escolhas e estas decisões podem inconscientemente trair suas pretensões. Todo intérprete opta por uma linha de tradução. Existem basicamente duas vertentes: a Equivalência Dinâmica e a Equivalência Formal. A diferença entre estas duas escolas está na discussão do que, de fato, é mais importante em uma tradução: preservar a linguagem/forma, tal qual foi encontrada nos manuscritos, mesmo correndo o risco de obscurecer a mensagem e dificultar a autonomia do intérprete, ou transpor o abismo cultural, temporal e linguístico, mantendo a essência da mensagem original, mas, em muitos momentos, perdendo a forma do texto, ao adaptar a linguagem a um novo contexto.

Escolher uma linha de interpretação para uma versão sempre será uma decisão difícil, pois enquanto o formalista pode incorrer no erro de obscurecer temas e elitizar o texto, o dinamista está sujeito a falhar no extremo da informalidade e banalização dos textos sagrados. A pretensão desta seção deste

artigo não é trazer uma solução para este debate histórico, mas apenas alertar que é preciso preservar a linguagem e as estruturas hebraicas e gregas nas versões, quando necessário, pois, em alguns momentos, a escolha ou não de determinadas palavras pode se tornar um obstáculo para uma exposição mais aberta, clara e objetiva de assuntos importantes para a Igreja, como é o caso da sexualidade.<sup>84</sup>

A linguagem de praticamente todas as versões comercializadas atualmente no Brasil sofre com a dificuldade de transpor o conteúdo erótico encontrado nas Escrituras. Para verificar esta informação, basta notar as seções que tratam sobre o sexo na Bíblia e, logo se perceberá a dependência de comentários especializados para uma apreensão adequada do conteúdo. A pergunta que precisa ser feita é: será que não é possível uma versão ser mais explícita e direta quanto ao sexo, sem usar linguagem vulgar, obscena ou imoral? Certamente este é um grande desafio para as versões dinâmicas ao tratar sobre o sexo na Bíblia.

121

A questão da dessexualização nas traduções não é nenhuma novidade moderna. O que dizer do caso de Juízes 19.2, que evidencia uma diferença entre duas versões em português que, na verdade, é apenas o resultado de uma disputa bem mais antiga, entre o texto Massorético e a LXX, como se pode perceber a seguir.

“Porém a sua concubina **adulterou**<sup>85</sup> **contra ele**, e deixando-o, foi para a casa de seu pai, em Belém de Judá, e esteve ali alguns dias, a saber, quatro meses”.<sup>86</sup>

84 Nesta mesma linha de traduções que obliteraram o sentido original, está a crítica de John MacArthur a respeito da tradução da palavra “doulos” como servo nas versões inglesas, quando na realidade deveria ser traduzida como escravos. Para conhecer mais sobre este assunto, leia o livro: Escravo: a verdade escondida sobre nossa identidade em Cristo. Fiel, 2010.

85 הנזת (WTT).

86 João Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel, 1995 (ACF).

“Porém ela, **aborrecendo-se<sup>87</sup> dele**, o deixou, tornou para a casa de seu pai, em Belém de Judá, e lá esteve os dias de uns quatro meses”.<sup>88</sup>

Note bem a dificuldade. Tanto no texto em hebraico como na versão Corrigida Fiel temos claramente o ato sexual sendo mencionado; já na LXX e na versão Revista e Atualizada o termo “aborrecer” distancia bastante o leitor da questão erótica. Afinal de contas, a questão que se levanta é: a concubina se prostituiu ou estava apenas zangada? Tanto o contexto imediato do capítulo, quanto à questão cultural, indica que a concubina, de fato, havia cometido um pecado sexual, mas a linguagem das versões citadas gera grande confusão no leitor.

Este efeito acontece também em outras passagens, como 1 Samuel 2.22, Isaías 51.13-30, Êxodo 2.25, etc. Qual a razão desta tão grande diferenciação na linguagem entre hebreus e gregos? Carmichael afirma que as explicações para esta tendência na versão grega para a dessexualização foi a atitude negativa dos filósofos gregos em relação ao corpo e a sexualidade, ou apenas a tentativa da Igreja de distanciar o sagrado de uma cultura popular erótica.<sup>89</sup>

É curioso notar a ausência da palavra sexo nas versões em português e como praticamente todas as vezes que estas versões da Bíblia utilizam a expressão “relação sexual” tem uma conotação negativa, ou seja, trata-se sempre de sexo ilícito. Tomando por base a versão Revista e Atualizada, é possível encontrar cin-

87 ὀργίσθη (LXT).

88 João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada, 2nd edition (ARA). 1993 Sociedade Bíblica do Brasil.

89 CARMICHAEL, Calum. *Illuminating Leviticus: a study of its laws and institutions in the Light of Biblical Narratives*. Baltimore, 2006.

co passagens que usam explicitamente o termo “sexual”<sup>90</sup> e todas traduzem o termo grego pornéia (πορνεία).

Diante deste quadro é inevitável questionar: por que todas as vezes que a linguagem é direta e aberta quanto ao sexo, o contexto diz respeito à imoralidade? Este efeito, consciente ou inconscientemente, não acaba por gerar a tendência de criar uma ideia de que toda **relação sexual** é ilícita? Será que este não é um exemplo típico onde os tradutores estão sendo traídos por seus preconceitos?

Outro exemplo que ajuda nesta linha de argumentação que está sendo traçada se encontra no debate entre evangélicos e católicos acerca do entendimento de Mateus 1.25. Na versão Revista e Atualizada, temos a seguinte descrição: “Contudo, não a **conheceu**, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus”. Mas, como assim “**conheceu**”? O que isto significa? O que esta palavra comunica? Na verdade, trata-se de uma terminologia grega que indica, entre outras coisas, a prática sexual, mas que, na língua portuguesa, perde completamente este sentido. Note, que para compreender este termo como sexo, o leitor, certamente, precisará do auxílio de um comentário ou dicionário bíblico.

A Nova Versão Internacional usa uma linguagem mais contemporânea para traduzir Mateus: “*Não teve **relações com ela***”. Certamente a linguagem erótica aparece bem mais nesta versão, mas note que, até mesmo esta tradução dinâmica, ainda deixa a informação subtendida. Pois, pode-se entender “**relações**” de diversas maneiras. A pergunta óbvia é: por que não traduzir como “relações sexuais”?

<sup>90</sup> Mateus 5.32; Mateus 19.9; Atos 15.20; Atos 15.29; Atos 21.25.

A versão Almeida Século XXI traduziu a passagem da seguinte forma: “não a **conheceu intimamente**”. Nota-se agora uma melhora significativa, já que os tradutores adjetivaram o conhecimento, o que a Nova Versão Internacional não fez, mas, mesmo assim, “**conhecimento íntimo**” ainda é muito geral, deixa apenas nas entrelinhas a ideia clara de sexo, porque posso conhecer alguém de modo íntimo, mas isto não precisa significar, necessariamente, uma relação sexual.

Por que será que os tradutores quando tratam de sexualidade na Bíblia, mantêm a máxima popular: “Para bom entendedor, meia palavra basta?” Nem mesmo a Nova Tradução da Linguagem de Hoje, considerada como uma versão extremamente dinâmica, usou uma linguagem explícita em Mateus 1.25. Diante deste quadro é inevitável questionar: Qual o receio das traduções? Se Deus é o criador do sexo, por que esta palavra nunca aparece em nossas versões de modo positivo?

A linguagem na Bíblia para tratar sobre sexo é sempre muito ampla. Muitas figuras típicas da cultura hebraica não foram atualizadas para o contexto e a cultura que pertence à tradução. Certamente, não é uma tarefa simples para os tradutores, principalmente tratando-se de literatura poética. Mas, uma questão precisa ser levantada: O propósito das versões dinâmicas não é justamente atualizar a linguagem a ponto do texto ficar acessível a todos? Será que não seria possível ser mais objetivo na questão sexual e apontar a expressão original apenas em nota de rodapé? Assim, além de clarear o entendimento, também preservaria o acesso dos leitores mais curiosos às expressões idiomáticas.

É possível notar o efeito da dessexualização em muitos trechos das Escrituras. Para a finalidade deste artigo, basta apresentar apenas mais alguns poucos exemplos. Em Gênesis 18:12, na versão da Sociedade Bíblica Portuguesa, encontra-se: “Sara sorriu ao pensar consigo mesma: **Como é que eu vou ainda**

**sentir essa alegria**, se eu e o meu marido estamos velhos e cansados?”<sup>91</sup> De que alegria Sara está tratando? A de meramente conceber um filho? Não, mas é o que esta versão parece deixar transparecer. Será que a ideia real do texto não seria tratar do prazer sexual que resultaria em um filho? Note, por exemplo, como a versão Revista e Atualizada traduz: “*Riu-se, pois, Sara no seu íntimo, dizendo consigo mesma: Depois de velha, e velho também o meu senhor, terei ainda prazer?*”

Nesta última versão citada, o significado parece estar diretamente ligado à prática sexual que resultará na concepção. Em Romanos 4.19 encontra-se uma declaração sobre Abraão que pode ajudar a esclarecer melhor esta questão, apesar dos tradutores não deixarem a questão explícita também. Note a versão Revista e Atualizada: “E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio **corpo amortecido**, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara”. O que significa a expressão “corpo amortecido”? A Tradução Portuguesa Interconfessional lança a ideia de que se trata do fim da vida de Abraão, note: “Abraão tinha quase cem anos, mas a sua fé não enfraqueceu ao **pensar no seu corpo já quase sem vida** e ao saber que Sara não podia ter filhos”.<sup>92</sup>

Este é mais um exemplo, onde é possível notar a dificuldade para tratar da questão sexual. A versão Almeida Século XXI é quem mais ousadamente apontou para a questão da performance sexual de Abraão, ao afirmar que ele *não tinha mais vitalidade*. Contudo, a questão permanece: por que não dizer simples e diretamente que por conta de sua idade ele não se relacionava mais sexualmente com Sara?

Um último exemplo dentre vários que poderiam ser cita-

91 Portuguese Modern Language Translation. Sociedade Bíblica de Portugal, 2005

92 Sociedade Bíblica de Portugal, 2009.

dos<sup>93</sup>, este diz respeito à linguagem de Pv.5:15-18, que na versão Revista e Atualizada declara:

<sup>15</sup> Bebe a água da tua própria cisterna e das correntes do teu poço.

<sup>16</sup> Derramar-se-iam por fora as tuas fontes, e, pelas praças, os ribeiros de águas?

<sup>17</sup> Sejam para ti somente e não para os estranhos contigo.

<sup>18</sup> Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade.

O que significa mesmo “beber água” na Bíblia? O que o autor quer dizer com cisterna e poço? Trata-se de uma linguagem poética e tipicamente hebraica para se referir à relação sexual com sua mulher, como fica claro no verso 19. Qual a relevância de uma tradução mais clara? A relevância desta discussão semântica é não permitir que a linguagem bíblica possa causar dúvidas nos leitores. Pastores e comentaristas já têm usado esta figura de linguagem “beber água do poço” para reinterpretar o encontro de Jesus e a mulher samaritana no Evangelho de João 4. Carmichel, por exemplo, afirmou que Jesus estava de fato propondo ser o sexto marido daquela mulher, era um convite sexual.<sup>94</sup>

<sup>93</sup> É o caso da linguagem sexual para descobrir os pés, mesma expressão que é encontrada no encontro de Rute e Boaz. Rute teve relação sexual com Boaz antes da aliança? É o caso também da expressão “ver a nudez” que é claramente um apontamento para a relação sexual (Lv 20.17) e que gera grande polêmica quando ao episódio onde Cam vê a nudez de Noé. Foi uma relação sexual? O autor deste artigo entende, por conta dos contextos imediatos, que em nenhum dos dois casos houve relação sexual, mas reconhece a dificuldade se a análise foi feita apenas a partir da semântica.

<sup>94</sup> CARMICHAEL, 2010, p. 30.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta pesquisa é possível notar que a Igreja evangélica atual ainda precisa romper muitas barreiras para lidar com a sexualidade de maneira mais clara e objetiva. É urgente tratar de maneira madura e sensata a sexualidade, pois os danos causados podem ser irreparáveis. Como será que um assunto tão importante ficou adormecido por tanto tempo na Igreja? Em outras palavras, por que a teologia do sexo é tão pouco discutida?

Diante de um contexto cultural tão sensual e imoral, é urgente uma reflexão mais aprofundada sobre o sexo e a Bíblia. A Igreja não pode manter este assunto fora dos púlpitos ou aprovar entre a comunidade uma visão tão pessimista e limitada da sexualidade por conta da tradição. A Bíblia, como regra de fé e prática, deve ter respostas para as demandas sexuais de nossa época.

127

É claro que a máscara da alegoria não pode mais ser perpetuada sobre os textos bíblicos. Foi notado neste trabalho como a dessexualização em Cantares foi imposta sobre a composição original. Os teólogos ao longo da história, por conta de seus pressupostos e experiências, levaram a Igreja para muito longe da interpretação saudável e correta. É preciso lidar com os textos sexuais das Escrituras sem máscaras, pois somente assim o material permanecerá com seu erotismo santo.

Quanto às versões em português dos textos originais, é inegável o avanço e melhoria da linguagem. As versões dinâmicas têm trazido grande contribuição ao entendimento popular. Mas, certamente, é preciso continuar buscando progredir, pois quando a questão diz respeito ao sexo, alcançar discursos mais diretos é necessário, e isto, sem perder a discrição. É necessário o surgimento de textos mais objetivos, mas que preservem a bele-

za e a poesia do ato sexual. Seções claras e contextualizadas não podem ser opcionais.

O desafio proposto por este trabalho é caminhar contra a dessexualização histórica, hermenêutica e semântica, sem cair no extremo da libertinagem, banalização ou linguagem pornográfica.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Corrigida Fiel** (ACF). Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Revista e atualizada**, 2nd edition (ARA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AMBROSE of Milan. (1896). **Three books of st. Ambrose on the Holy Spirit**. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), H. de Romestin, E. de Romestin, & H. T. F. Duckworth (Trans.), St. Ambrose: Select Works and Letters (Vol. 10, p. 129). New York: Christian Literature Company.

AQUINO, Tomás de. **Summa teológica**, pergunta 58, artigo 1. <http://permanencia.org.br/drupal/node/8>. Acessado em 11/04/2017.

AUGUSTINE of Hippo. (1887). **On christian doctrine**. In P. Schaff (Ed.), J. F. Shaw (Trans.), St. Augustin's City of God and Christian Doctrine (Vol. 2). Buffalo, NY: Christian Literature Company.

AUGUSTINE of Hippo. (1887). **On the good of marriage**. In P. Schaff (Ed.), C. L. Cornish (Trans.), St. Augustin: On the Holy Trinity, Doctrinal Treatises, Moral Treatises (Vol. 3). Buffalo, NY:

Christian Literature Company.

BALEY, Derrick S. **Sexual relation in christian thought**. Nova York, Harper & Brothers, 1959.

BARROS, Raphael Leal; CABRAL, Flavio José Gomes. **Religião e sexo: do controle na Idade Média e sua herança na contemporaneidade**. <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.572.pdf>. Acessado em 27/06/2016

BLACK, J. W.; TRAFTON, J. **Richard Baxter & the english puritans**: Richard & Margaret. Christian History Magazine-Issue 89:2006.

BROWN, Peter. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Vol. 4.

CARMICHAEL, Calum. **Illuminating Leviticus: a study of its laws and institutions in the Light of Biblical Narratives**. Baltimore, 2006.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções**. São Paulo: Edusp, 2005.

CLEMENT of Alexandria. The Stromata, or Miscellanies in Alexander Roberts and James Donaldson, eds. **The ante-nicene fathers**: Translation of the Writings of the Fathers Down to A.D. 325. Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

CYRIL of Jerusalem. (1894). **The catechetical lectures of s. Cyril**, Archbishop of Jerusalem. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), R. W. Church & E. H. Gifford (Trans.), S. Cyril of Jerusalem, S. Gregory Nazianzen (Vol. 7). New York: Christian Literature Company.

DWIGHT, Hervey Small. **Christian: celebrate your sexuality**. Old Tappan, N.J.: Revell, 1974.

EDWARD J. Young. **An introduction to the old testament**. Eerdmans Publishing, 1964.

ELLES, J. Harold. **Sex in the bible: a new consideration**. London: Praeger, 2006.

ENCYCLOPAEDIA Judaica. **Jerusalem**: Macmillan Company, 1972, v.15.

130

GARRET, Duane. **Song of Songs**. Nashville: Thomas Nelson, 2004. (Word Biblical Commentary, 23b).

HAUCOURT, Geneviève d'. **A vida na Idade Média**. Lisboa: Livros do Brasil, 1944.

HEIMBACH, Daniel R. **True sexual morality: recovering biblical standards for a culture in crisis**. Crossway Books, 2004

IRENAEUS of Lyons. **Irenaeus against heresies**. In A. Roberts, J. Donaldson, & A. C. Coxe (Eds.), The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus (Vol. 1). Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1885.

JARDILINO, José Rubens L.; LOPES, Leandro de Proença. Revista Nures no 13 – Setembro/Dezembro 2009 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Ponti-

fícia Universidade Católica – SP ISSN 1981-156X

JEROME. (1893). *Against Jovinianus*. In P. Schaff & H. Wace (Eds.), W. H. Fremantle, G. Lewis, & W. G. Martley (Trans.), *St. Jerome: letters and select works* (Vol. 6). New York: Christian Literature Company.

KUYPER, Abraham. *Calvinism: six lectures delivered at the theological seminary at princeton* New York: Revell, 1899.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LEWIS, C. S. *Donne and love poetry in the seventeenth century*, in *Seventeenth Century Studies Presented to Sir Herbert Grierson*. Oxford: Oxford University Press, 1938.

\_\_\_\_\_. *Miracles: a preliminary study*. New York: Macmillan, 1947.

LUTHER, Martin. *Luther's Works*, American Edition, orgs. Jaroslav Pelikan e Helmut T. Lehmann. Filadelfia: Muhlenberg, 1955-1973.

LUTHER, Martin. *What Luther says: an anthology*, ed. Ewald M. Plass, 3 vols. in 1. St. Louis: Concordia, 1959.

MACKIN, Theodore. *The marital sacrament*. New York: Paulist, 1989.

O'CONNOR, Kathleen. *The wisdom literature*. Wilmington, Del.: M. Glazier, 1988.

ODEBERG, Hugo. **The fourth gospel interpreted in its relation to contemporaneous religious currents in Palestine and the hellenistic-** Oriental World Uppsala, 1929.

ORIGEN. (1897). **Origen's commentary on the gospel of matthew.** In A. Menzies (Ed.), J. Patrick (Trans.), *The Gospel of Peter, the Diatessaron of Tatian, the Apocalypse of Peter, the Visio Pauli, the Apocalypses of the Virgil and Sedrach, the Testament of Abraham, the Acts of Xanthippe and Polyxena, the Narrative of Zosimus, the Apology of Aristides, the Epistles of Clement (Complete Text), Origen's Commentary on John, Books I-X, and Commentary on Matthew, Books I, II, and X-XIV (Vol. 9).* New York: Christian Literature Company.

PELIKAN, Jaroslav, ed. **Luther's works**, Vol. 2, Lectures on Genesis Chaps. 6-14. St. Louis: Concordia Publishing House, 1960.

132

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2006.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. **Sex and the supremacy of Christ.** Crossway Books, 2005.

POPE, Marvin H. **Song of Songs: a new translation with introduction and commentary.** New York: Doubleday, 1977. (The Anchor Bible, 7c).

**PORTUGUESE modern language translation.** Sociedade Bíblica de Portugal, 2005.

RICHARDSON, Herbert W. **Nun, Witch, Playmate: the americanization of sex.** New York: Harper & Row, 1971.

RYKEN, Leland. **Santos no mundo: os puritanos como real-**

mente eram. São Paulo: Fiel, 1992.

SCHAEFFER, Francis A. **The church at the end of the twentieth century**. Downers Grove: Ill. InterVarsity Press, 1970.

SMALL, Dwight Hervey. **Christian**: celebrate your sexuality. Old Tappan, N.J.: Revell, 1974.

STANLEY, Grenz. **Sexual ethics**: an Evangelical perspective. Word Pub. 1990, in series: Issues of Christian conscience.

WIERSBE, Warren W. **Poéticos**: comentário bíblico expositivo. São Paulo: Geográfica, 2006.